

SABERES DA MEDICINA POPULAR SOBRE RECURSOS VEGETAIS EM TRÊS MUNICÍPIOS AO LONGO DO RIO PARAGUAI, MATO GROSSO, BRASIL

FRANCIMAYRE PEREIRA APARECIDA DE JESUS^{1*} , CLAUMIR CESAR MUNIZ^{1,3} , MARIA ANTONIA CARNIELLO^{1,2} 

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais de Cáceres, Unemat – PPGCA - Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, CEP 78200-000, Cáceres, MT, Brasil.

²Centro de Pesquisa de Limnologia, Biodiversidade, Etnobiologia do Pantanal – CELBE. Herbário do Pantanal “Vali Joana Pott”, HPAN Santos Dumont S/N. CEP 78200-000, Cáceres, MT, Brasil.

³Centro de Pesquisa em Limnologia, Biodiversidade e Etnobiologia do Pantanal - CELBE. Laboratório de Ictiologia do Pantanal Norte - LIPAN. Av. Santos Dumont S/N. CEP 78200-000, Cáceres, MT, Brasil.

* Autor para correspondência: francy21pereirajv@gmail.com

Recebido em 08 de fevereiro de 2020. Aceito em 20 de março de 2020. Publicado em 31 de março de 2020.

RESUMO - O estudo teve como objetivo registrar as espécies vegetais conhecidas e utilizadas como medicinais por populações locais ao longo do rio Paraguai, em três municípios mato-grossense. A técnica utilizada para reunir os interlocutores desta pesquisa foi *Snowball*. Os materiais botânicos citados foram fotografados, coletados, tratados e herborizados de acordo com as recomendações do IBGE. Para a análise foi utilizado o índice de Importância Relativa (IR) de uma planta medicinal para a população local. Foram entrevistados 17 interlocutores que citaram 61 espécies, pertencentes a 33 famílias, destacando Fabaceae, Bignoniaceae e Lamiaceae. *Hymenaea courbaril* L. (Jatobá), foi a espécie que apresentou maior valor de Importância Relativa (IR=2), *Triplaris americana* L. (novateiro) foi a única espécie indicada pelos interlocutores para prevenção e tratamento de câncer de próstata, atributo não registrado na literatura com ação preventiva desta espécie, destacando um conhecimento local sobre o uso do novateiro. Os resultados no seu conjunto, ressaltam a importância de estudos etnobotânicos pelos quais é possível conhecer o uso de espécies vegetais, todo conhecimento agregado e sugerir perspectivas de manutenção dos saberes e as respectivas populações.

PALAVRAS-CHAVE: Etnobotânica; Plantas Medicinais; Pantanal Norte.

KNOWLEDGE OF POPULAR MEDICINE ON VEGETABLE RESOURCES IN THREE MUNICIPALITIES ALONG THE PARAGUAY RIVER, MATO GROSSO, BRAZIL

ABSTRACT - The study aimed to register the plant species known and used as medicinals by local populations along the Paraguay River, in three municipalities in Mato Grosso. The technique used to gather the interlocutors of this research was the *Snowball*. The aforementioned botanical materials were photographed, collected, marketed and herborized according to the IBGE recommendations. For the analysis, the Relative Importance Index (IR) of a specific medicinal plant for the local population was used. 17 interlocutors were interviewed, who cited 61 species, belonging to 33 botanical families, especially Fabaceae, Bignoniaceae and Lamiaceae. *Hymenaea courbaril* L. (commonly known as courbaril and, in Portuguese, *Jatobá*), was the species that presented the highest Relative Importance value (IR = 2). The *Triplaris americana* L. (commonly known as ant tree and, in Portuguese, *novateiro*) was the only species indicated by the interlocutors for the prevention and treatment of prostate cancer, an attribute not yet registered in the literature, highlighting local knowledge about the use of it. The results as a whole underscore the importance of ethnobotanical studies by which it is possible to know the use of plant species, all aggregate knowledge and suggest perspectives for maintaining knowledge and the respective populations.

KEYWORDS: Ethnobotany; Medicinal Plants; North Pantanal.

CONOCIMIENTO DE LA MEDICINA POPULAR ACERCA DE LOS RECURSOS VEGETALES EN TRES MUNICIPIOS A LO LARGO DEL RHO PARAGUAY, MATO GROSSO, BRASIL

RESUMEN - El estudio tuvo como objetivo registrar las especies de plantas conocidas y utilizadas como medicinales por las poblaciones locales a lo largo del río Paraguay, en tres municipios en Mato Grosso. La técnica utilizada para reunir a los interlocutores de esta investigación fue *Snowbal*. Los materiales botánicos mencionados fueron fotografiados, recogidos, tratados y herborizados según las recomendaciones del IBGE. Para el análisis se utilizó el Índice de Importancia Relativa (IR), de una planta medicinal para la población local. Se entrevistó a 17 interlocutores que mencionaron 61 especies, pertenecientes a 33 familias, destacando Fabaceae, Bignoniaceae y Lamiaceae. *Hymenaea courbaril* L. (Jatobá), fue la especie que presentó mayor valor de Importancia Relativa (IR = 2), *Triplaris americana* L. (novateiro) fue la única especie indicada por los interlocutores para la prevención y el tratamiento del cáncer de próstata, atributo no registrado en la literatura con acción preventiva de esta especie, destacando el conocimiento local sobre el uso del novateiro. Los resultados en su conjunto, subraya la importancia de los estudios etnobotánicos a través de los cuales es posible conocer el uso de especies de plantas, todo el conocimiento agregado y sugerir perspectivas para mantener el conocimiento y las respectivas poblaciones.

Palabras clave: Etnobotánica; Plantas medicinales; Pantanal Norte.

INTRODUÇÃO

O ser humano faz uso dos recursos vegetais desde o princípio da sua existência, aprenderam a usar e manipular diversas plantas que possuem propriedades alimentícias, medicinais, que servem para construção, proteção e outras formas de apropriação material e imaterial. (Berg 1993; Valim et al. 2016). Dentre os usos de plantas, geralmente destacam-se aquelas com propriedades medicinais, essas que foram os primeiros recursos terapêuticos utilizados e muitas vezes o único disponível em comunidades rurais e de difícil acesso (Amorozo 2002; Turolla e Nascimento 2006).

As espécies vegetais são mundialmente utilizadas por populações rurais, urbanas e comunidades tradicionais e o conhecimento de plantas por uma comunidade faz parte da sua cultura e está entrelaçada com sua história de vida (Pasa 2007). O uso de plantas é orientado por uma série de conhecimentos acumulados e de uma relação direta entre os seres humanos e o meio ambiente e da difusão de saberes tendo como influência o uso tradicional transmitido oralmente entre diferentes gerações (Castellucci et al. 2000; Pereira e Diegues 2010).

A população brasileira, de modo geral, detém saberes medicinais tradicionais a respeito de métodos alternativos de cura das doenças mais frequentes, destacando as comunidades tradicionais que possuem uma bagagem maior sobre o assunto, pois estão em contato direto com a natureza e os recursos ali presentes (Guarim Neto e Carniello 2007; Gewehr 2017).

O Brasil é um país reconhecido pela sua riqueza biológica e cultural, favorecida pela presença de diferentes biomas (Diegues 2001), possuindo a maior diversidade vegetal do planeta com 46.780 espécies de plantas registradas (Flora do Brasil 2020), gozando de elevado *status* de importância, abrangendo parte da flora nativa além das espécies introduzidas por culturas migrantes de outras regiões e continentes.

No estado de Mato Grosso essa diversidade biológica encontra-se distribuída em três biomas, sendo a Amazônia, Pantanal e Cerrado (IBGE 2012), incluindo-se as áreas de transição entre os biomas. Esses três biomas influenciam as fitofisionomias que ocorrem ao longo da bacia do alto Paraguai (BAP), suas nascentes se encontram em território mato-grossense e ao longo de seu curso atravessa formações fisionômicas distintas (Alho, 2008). Frequentemente ocorre cerradão, floresta estacional e mata ciliar em apenas 100 m de cordilheira ou capão, que são as áreas mais altas no Pantanal. (Prance et al. 1982; Pott 2003; Andrade 2017).

Os recursos vegetais disponíveis ao longo do rio Paraguai possuem importante papel na vida das populações locais principalmente pela diversidade de usos/atributos (Guarim Neto 2006). O conhecimento popular pode fornecer dados importantes para novas descobertas científicas (Diegues et al. 2000) e as pesquisas acadêmicas podem originar novos conhecimentos sobre as propriedades terapêuticas das plantas (Camargo et al. 2014).

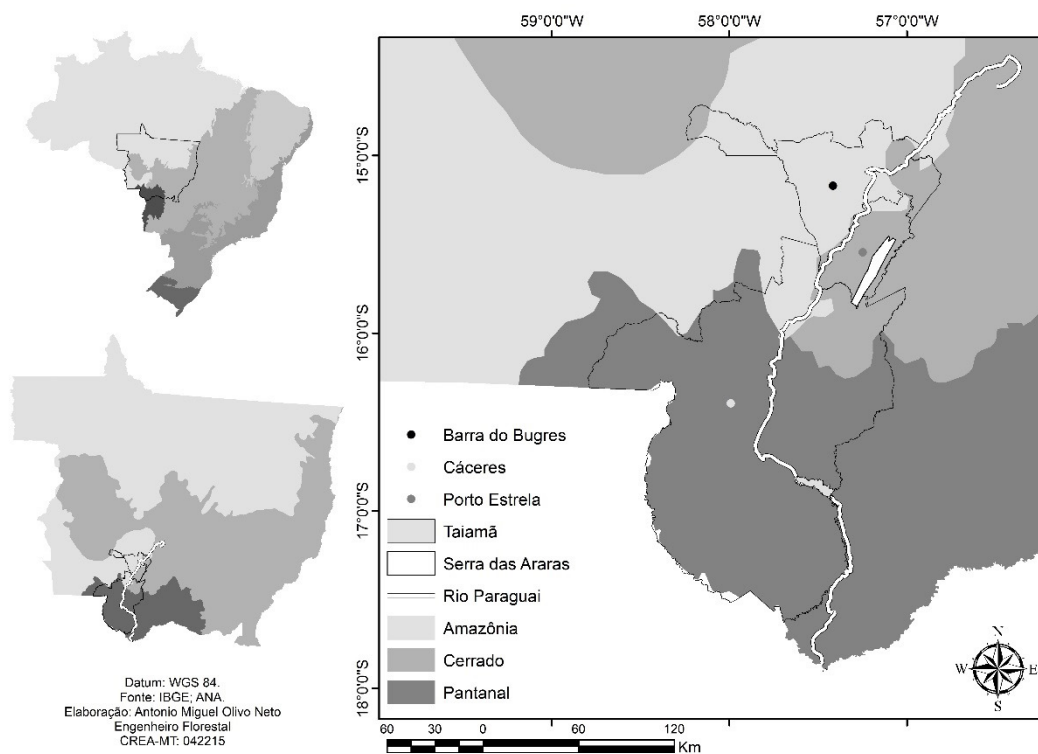
Esse trabalho teve como objetivo investigar quais são as espécies vegetais de conhecimento popular utilizadas como medicinal, partes utilizadas e indicações de uso por comunidades locais ao longo do rio Paraguai, entre Barra do Bugres até os limites da Estação Ecológica de Taiamã, no pantanal de Cáceres.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

A amostragem foi realizada ao longo do curso do Alto Rio Paraguai em populações ribeirinhas de regiões circunscritas a três municípios sendo Barra do Bugres, Porto Estrela e Cáceres se estendendo até os limites da Estação Ecológica de Taiamã (Figura 1). O rio Paraguai, é o principal formador do Pantanal, tem suas nascentes no bioma Cerrado e ao longo de seu curso atravessa formações fisionômicas de florestas, ocorrendo várias fitofisionomias características dos biomas Floresta Amazônica, Cerrado e Pantanal incluindo ecótonos Cerrado - Floresta, que o influenciam.

Figura1. Localização das áreas de estudo ao longo do rio Paraguai- Mato Grosso.



Coleta de dados

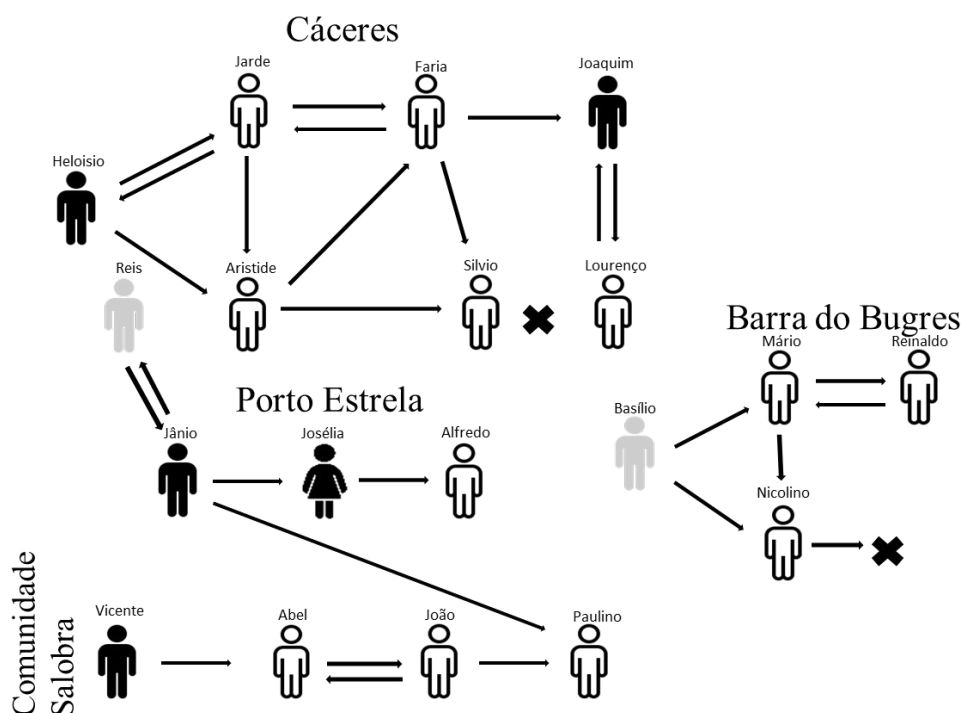
A pesquisa foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT sob o parecer 3.233.301. Em 2017 houve um primeiro contato com os interlocutores para apresentação do projeto de pesquisa e a coleta de dados ocorreu entre dezembro de 2018 a janeiro de 2020, foram recolhidas assinaturas dos termos de consentimento livre e esclarecido com o esclarecimento e a autorização dos entrevistados, visando assegurar o respeito aos povos detentores de conhecimento e ao marco regulatório de acordo com a lei nº 13.019/14. Por se tratar de um estudo de conhecimento local e sem qualquer envolvimento em conflitos os interlocutores autorizaram a divulgação de seus nomes (optou-se apenas pelo uso do primeiro nome).

Para responder o objetivo proposto, este estudo abordou uma metodologia que permite um contato direto com o contexto e com a situação a ser estudada (Ludke e André 1986). As entrevistas foram de caráter descritivo realizadas com a apoio de um formulário semiestruturado contendo perguntas discursivas (abertas) e de múltipla escolha (fechadas) (Martin 1995), diário de campo para registro das observações feitas e das impressões subjetivas tidas pelo pesquisador (Viertler 2002; Albuquerque et al. 2014).

Neste estudo houve uma adaptação da técnica bola de neve (Goodman 1961; Penrod et al. 2003), considerada um método não probabilístico e intencional que estabelece um tipo específico de amostragem, uma vez que não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante, tornando assim, o método imprescindível para pesquisas em grupos de difícil acesso (Albuquerque 2009; Vinuto 2014). Inicialmente trabalhamos com informantes-chaves a fim de localizar interlocutores com repertório de vida ligado a plantas medicinais no Pantanal, propósito do estudo. Posteriormente, foi solicitado às pessoas indicadas pelo informante-chave que indicassem novos integrantes para a pesquisa, ampliando o quadro de amostragem a cada entrevista, em cada município iniciou-se um novo percurso de contatos, indicações de pessoas que se envolveram na pesquisa, (Figura 2).

Figura 2 – Esquema representando os percursos de acesso aos interlocutores da pesquisa nos três municípios amostrados, Mato Grosso. Legenda: → (seta incadora de sentido único) interlocutor indicando outro;

↔ (duas setas opostas) os interlocutores indicaram-se reciprocamente. 🧑 = representa informantes chave na pesquisa, é um esperto local, que indicou os interlocutores.



Os dados foram organizados e analisados por meio de estatística descritiva frequência relativa (FR%) e frequência absoluta (FA). Para a análise quantitativa foi utilizado o índice de Importância Relativa (IR) proposto por Bennett e Prance (2000), que mostra a importância de uma dada planta medicinal pela relação de usos e sistemas corporais tratados pelos entrevistados, onde o número máximo que uma espécie pode apresentar é “2”. O cálculo é realizado de acordo com a fórmula:

$$IR = NSC + NP$$

Onde IR = importância relativa; NSC = número de sistemas corporais; NP = número de propriedades. Esses dois fatores são avaliados pela fórmula:

$$NSC = NSCE / NSCEV$$

NSCE = número de sistemas corporais tratados pela espécie e NSCEV = sobre o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil) e NP = NPE/ NPEV (onde, NPE = número de propriedades atribuídas para uma espécie, NPEV = sobre o número total de propriedades atribuídas à espécie versátil) (Silva e Albuquerque 2004 p 73).

Os materiais botânicos citados foram, fotografados, coletados, tratados e herborizados de acordo com as recomendações do IBGE (2012). A identificação botânica foi realizada *in loco* por especialistas em alguns casos enviados com o auxílio de bibliografia especializada e comparação com materiais botânicos identificados e incorporados ao acervo do HPAN - Herbário do Pantanal “Vali Joana Pott”, Unemat, Cáceres, Mato Grosso; seguindo a classificação botânica adotando o Sistema APG IV. (CHASE et al. 2016; Souza e Lorenzi 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 17 interlocutores, dentre os envolvidos nesta pesquisa 94% são do sexo masculino e 6% do sexo feminino. Em cada local o número de entrevistados variou de três a sete pessoas, sendo três em Barra do Bugres, sete em Porto Estrela e Cáceres. Quanto a naturalidade predomina do estado de Mato Grosso (82%), seguido de Minas Gerais (12%) e Espírito Santo (6%).

A idade variou entre 36 e 86 anos com a faixa etária média de 61 anos. Os interlocutores foram agrupados de acordo com a faixa etária, em três classes de 30-50 (11%), 51-70 (35%) e 71-90 (54%). O maior número de citações de plantas medicinais foi na classe 71-90. De acordo com Kffuri (2008) os mais velhos possuem maior conhecimento sobre plantas nativas úteis que foram adquiridas ao longo do tempo com experiências vividas. Sousa (2007) e Borges et al (2018) ressaltam que os habitantes que estão na faixa de 51 e 80 anos de idade, possuem maior conhecimento etnobotânico uma vez que esses conhecimentos vão se perdendo nas faixas etárias mais baixas. De acordo com Brasileiro et al (2008), o uso de plantas medicinais ocorre de forma mais acentuada entre a população mais idosas, fato esse que pode estar relacionado ao conhecimento acumulado ao longo da vida.

A maioria dos interlocutores disseram ter adquirido conhecimento sobre o uso de plantas medicinais com membros da família, 71% disseram que foram com os pais (diretamente e observando), 22% foram com os vizinhos e amigos e 7% disseram ter aprendido sozinho. De acordo com Paciornick (1989), a transmissão passada de uma geração para outra em níveis verticais é conservadora e importante para a manutenção da cultura local.

Por meio das entrevistas foram registradas 62 espécies de plantas medicinais, sendo duas não identificadas (balsamo, manacar, pé de galinha), distribuídas em 34 famílias botânicas, as mais representativas foram Fabaceae (8), Asteraceae (4), Bignoniaceae (4), Lamiaceae (4) e Apocynaceae (3), (Tabela 1). Fabaceae é uma das maiores

famílias botânicas de grande importância econômica, cultural e muitas espécies são usadas na medicina popular, devido às suas propriedades curativas e terapêuticas (Gomes et al. 2008).

Tabela 1. Espécies utilizadas como medicinais nos três municípios amostrados ao longo do rio Paraguai – Mato Grosso.

Família	Nome científico	Denominação Local	Parte da planta utilizada	Preparo	Indicação de uso
Alismataceae	<i>Echinodorus glaucus</i> Nataj	Chapéu de couro	Folha	Chá para beber	Reumatismo
Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Mastruz/ Erva de Santa Maria	Folha	Maceração e garrafada	Vermes, Machucados, emprasto/ (emplastro)
Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Dente (Bulbo)	Chá para beber	Pressão alta
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	Casaca do caule	Melado da casca, xarope	Reumatismo, quebra-dura
Annonaceae	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Banana de Macaco/ xylópia/ pindaíba	Folha	Chá para beber	Rins, anti-inflamatório
Apocynaceae	<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i> Müll.Arg.	Peroba/ pau de óleo	Casca do caule, óleo	Chá para beber	Febre, cicatrizante
	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangava mansa	Casca do caule, raiz	Chá para beber, chá para banho	Gripe, epilepsia, problemas nos rins
	<i>Mandevilla velame</i> (A. St._Hil.) Pichon	Velaime	Casca	Chá para beber, xarope	Depurativo do sangue
Asteraceae	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Camomila	Folha	Chá para beber, chá para banho	Calmante, constipação intestinal
	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	Folha	Chá para beber, chá para banho	Tirícia/ (Icterícia), febre
	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Boldo / bordo/ caferana/ Estomalina	Folha	Chá para beber	Estômago, problemas digestivos
	<i>Campuloclinium macrocephalum</i> (Less.) DC.	Assa-peixe	Folha, raiz	Chá para beber	Problemas respiratório, tosse
Bignoniaceae	Fridericia chica (Bonp.) L. G. Lohmann	Candiru/ Crajiru	Folha	Chá para beber	Anti-inflamatório

Família	Nome científico	Denominação Local	Parte da planta utilizada	Preparo	Indicação de uso
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Piúva preta/ Piúva roxa/ Piuva pantaneira/ ipê roxo	Casca do caule	Chá para beber, chá para banho	Infecções, inflamações, úlcera
	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	Carobinha	Folha	Chá para beber, chá para banho	Dor de cabeça, infecções, depurativo do sangue
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & HooK. f. ex S. Moore	Paratudo	Casca do caule	Chá para beber, chá para banho	Estômago, febre, vermífugo, diabetes, dores no corpo
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Folha, semente	Chá para beber, xarope	Hipertensão, problemas no coração, expectorante
Burceraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Mesca	Casca	Chá para beber	Anti-inflamatório
Capparaceae	<i>Cratogeomachra tapia</i> L.	Pau de alho	Casca do caule, folha	Chá para beber	Gripe, vermífugo
Celastraceae	<i>Monteverdia truncata</i> (Nees) Biral	Espinheira Santa/ erva da india/ solvera	Folha	Chá, Banho	Úlcera, inflamação na pele
Convolvulaceae	<i>Operculina</i> sp.	Amaroletie/ batatão	(Batata) Tubérculo/ raiz	Xarope, melado	Vermífugo
Costaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Caninha do brejo/ Caninha de Macaco	Folha	Chá para beber	Rins
Cucurbitaceae	<i>Cyclanthera hystrix</i> (Gill.) Arn.	Buchinha	Fruto	Chá para cheirar	Inalação, Sinusite
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira	Casca do caule, folha	Chá para beber, chá para banho	Dor de cabeça, diabetes, hipertensão
	<i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil.	Lixinha	Folha	Chá para beber, chá para banho	Dor de cabeça
Euphorbiaceae	<i>Croton urucurana</i> Baill.	sangra d'agua/ sangueiro/ urucurana	Casca do caule, Seiva	Mistura o "sangue" na água para beber	Cicatrizante, câncer, anti-inflamatório, hemorragia
	<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken	Purga de lagarto	Raiz	Chá para beber	Afina o sangue, Depurativo do sangue
Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Cumbaru	Raiz, folha	Chá para beber	Diabete

Família	Nome científico	Denominação Local	Parte da planta utilizada	Preparo	Indicação de uso
	<i>Domorphandra mollis</i> Schott	Barbatimão/ Barbatimão p reto	Casca	Chá para beber, chá para banho/assento	Infecção, inflamação de mulher
	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.	Carvão vermelho	Casca do caule	Chá para beber	Tiricia, tiriça, (Icterícia)
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Casca do caule, seiva, fruto, raiz	Chá para beber, seiva	Anemia, fraqueza, tosse, tuberculose, artrite
	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Vinhático/ amarelinho	Casca do caule	Chá para beber	Doenças pulmonares, inflamação
	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	sucupira / favinha / fava de santo Inácio	Casca, semente	Chá para beber, “curtir” a semente em vitaminas	Anti-inflamatório, reumatismo, anemia
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cocille	Brbatimão/ Barbatimão branco	Casca	Chá, banho/assento	Infecção, anti-inflamatório para mulher
	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	Angelim/ Angerlim margoso	Casca	Chá para beber	Úlcera
Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Folha	Chá para beber	Gripe, resfriado
	<i>M. spicata</i> L.	Hortelanzinho	Folha	Chá para beber, chá para banho	Gripe, resfriado
	<i>Ocimum. gratissimum</i> L.	Alfavaca/ Mangericão	Folha	Chá para beber, chá para banho	Gripe, resfriado
	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Tarumã	Folha	Chá para beber	Diabete
Lecythidaceae	<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers	Jequitibá/Jaquitibá	Casca	Chá para beber	Problemas no útero, inflamação
Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Quina	Casca	Chá para beber, chá para banho	Malária, menopausa
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Mangava brava/ Piuna	Casca do Caule	Chá para beber	Pneumonia, dores no estômago
Malpighiaceae	<i>Heteropterys tomentosa</i> A. Juss.	Nó de cachorro	Raiz	Chá para beber	Depurativo do sangue, estimulante
Malvaceae	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Maria barriguda / paineira	Casca	Chá para beber	Gastrite

Família	Nome científico	Denominação Local	Parte da planta utilizada	Preparo	Indicação de uso
Melastomataceae	<i>Luebea paniculata</i> Mart. & Zucc.	Açoita cavalo	Casca	Chá beber	Reumatismo
	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	Canela de véio / Meconha	Folha	Chá para beber	Inflamação nas articulações
Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro/ Cedro rosa	Casca do caule	Chá para beber	Artrite, reumatismo
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.	Jaborandi	Folha	Chá para beber, chá para banho	Dor de cabeça
	<i>Piper umbelatum</i> L.	Pariparova	Folha	Chá para beber	Diarreia
Poaceae	<i>Guadua paniculata</i> Munro	Taboca	Caule (colmo)	Estira de taboca (Caule/colmo)	Utilizado como suporte para quebra-dura
Polygonaceae	<i>Triplaris americana</i> L.	Novateiro	casca	Chá para beber	Diarreia, Câncer
	<i>Polygonum</i> sp.	Erva de bicho	Folha	Chá para beber, chá para banho	Hemorragia cicatrização
Rubiaceae	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	Douradinho/ Orelha de burro	Folha	Chá	Problemas nos Rins
	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Douradão/ erva mulá	Folha	Chá para beber	Obesidade
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina do mato	Folha	Chá para beber, chá para banho	Enxaqueca, sinusite
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba / Embauva	Folha	Chá para beber frio, chá para banho	Pressão alta, bronquite, tosse asma, tuberculose feridas na pele
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Erva cidreira	Folha	Chá para beber, chá para banho	Calmante
Vochysiaceae	<i>Vochysia divergens</i> Pohl	Cambará preto	Casca do caule	Chá para beber, xarope	Tosse, garganta inflamada
	<i>Vochysia haenkeana</i> Mart.	Cambará amarelo	Casca do caule	Chá para beber, xarope	Tosse

Considerando o registro de plantas medicinais por município, Porto Estrela foi onde apresentou o maior número de citações com 56 espécies distribuídas em 32 famílias, seguido de Cáceres com 15 espécies em 12 famílias e Barra do Bugres com 13 espécies em 9 famílias. Quatro espécies foram comuns aos três locais (Aroeira (*M. urundeuva*), Peroba/ pau de óleo (*A. cylindrocarpon*), Jatobá (*H. courbaril*) Cedro/ Cedro rosa (*C. fissilis*).

As plantas citadas, coocorrem nos seis domínios fitogeográficos, destacando Cerrado (28%), Amazônia (22%) e Pantanal (15%). A presença de espécies de diferentes domínios fitogeográficos reforça a concepção de transição para a área estudada, com diferentes fitofisionomias em um complexo vegetacional (Barros et al. 2007).

As plantas medicinais citadas foram agrupadas de acordo com classificação da Flora 2020, 54% são de hábito arbóreo, destacando-se em relação aos demais hábitos, seguido de arbustivo (18%), herbáceo (13%), trepador/lianas (5%), subarbustivo (4%) e erva lignificada bambu (1%). A indicação da parte da planta utilizada para fins medicinais mais referida foram as cascas (40%) e as folhas (39%), seguido das raízes, semente, fruto, seiva (mel, resina no caso do jatobá e sangue ou leite vermelho quando se referem a sangra d'água), colmo (estiro de taboca) e bulbo (dente de alho). As indicações terapêuticas atribuídas as plantas medicinais com maiores citações foram de ação anti-inflamatória e cicatrizante, tratamento de gripes e resfriados, reumatismo, rins, diabetes, pressão alta, para afinar o sangue, dor de cabeça e sinusite.

As espécies nativas em que as cascas são utilizadas em preparações medicinais, que foram apontadas durante a turnê guiada com senhor Vicente foram: sangra d'água (*C. urucurana*), barbatimão branco (*S. adstringens*), jatobá (*H. courbaril*), jequitibá (*C. rubra*), aroeira (*M. urundeuva*) e cambará (*V. baenkeana*), dentre as espécies em que são utilizadas as folhas destacaram carobinha (*J. cuspidifolia*), espinheira santa (*M. truncata*), lixeira (*C. americana*) e embaúba (*C. pachystachya*).

Quanto ao uso das espécies medicinais observou-se que não há uma padronização com relação à quantidade da planta a ser utilizada, “*um pouquinho, três punhado, um punhadinho, um tantinho, uma colher, uma colherzinha, um copinho, um maço, um chumaço, um dente*”, cada interlocutor tem sua forma de preparo. De acordo com os mesmos a forma de preparo dos chás são diferentes, para beber, a água deve ser aquecida e quando começar a ferver desliga o fogo e coloca as folhas e abafa (infusão), o chá da casca do caule e as folhas que serão utilizadas para banho devem ser fervidos (decoção). As mesmas formas de preparo foram observadas em outros estudos, Moreira et al. (2002); Pinto et al. (2006); Cunha e Bortolotto (2011); Botini et al (2015) em que os informantes relataram, que o chá da casca deve ser preparado por decoção e as folhas por infusão.

As plantas medicinais citadas são utilizadas na preparação de chá para beber, chá para banho, chá para banho de assento, xaropes, garrafadas, banhos, macerados em compressas e *in natura*. No caso das plantas de pequeno porte como as herbáceas ocorre a utilização de toda a planta, o sumo é o extrato da maceração de folhas e caule que são coadas com um pano. A erva de Santa Maria (*D. ambrosioides*), é a mais utilizada pelo processo de maceração, como ressalta interlocutor 1 “*socar bem e espremer com um pano*” (um pedaço de tecido para a função de filtragem) isso para beber “*(...) quando é machucadura soca ele bem e coloca e enrola um pano, pode até dormir*” recomenda ele.

As espécies de médio e grande porte foram as mais citadas nesse estudo, apresentaram maior diversidade de uso medicinal. *Hymenaea courbaril* (Jatobá) apresentou o valor máximo de IR (2), *Myracrodruon urundeuva*, *Tabebuia aurea* (Silva Manso) e *Croton urucurana* (IR=1,25); *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) *Cecropia pachystachya*, *Cariniana rubra* (IR=1,22); *Aspidosperma cylindrocarpon* (IR=1,17); *Vochysia divergens* e *Pterodon emarginatus* (IR=1,08); *Hancornia speciosa*, *Lafoensia pacari* (IR=1,04), as demais espécies apresentaram valor de IR abaixo de um.

Albuquerque et al. (2007), ressalta que do ponto de vista farmacológico, o IR pode ser considerado critério de seleção de plantas para estudos detalhados de suas atividades biológicas e farmacológicas. Em contrapartida do ponto de vista ecológico merecem atenção especial as espécies que possuem maior diversidade de uso, pois são as mais procuradas e passam por maior extrativismo.

As espécies destacadas com maior valor de IR são bastante procuradas pelas populações locais, possuem múltiplos usos e diferentes formas de preparo. Os interlocutores ressaltam que as plantas nativas eram a principal fonte medicinal recorrida e ainda são utilizadas atualmente, como pode ser observado no depoimento do senhor Abel.

(...) *aqui eu ainda uso, mais de primeiro aqui curava só com remédio do mato, quando uma pessoa quebrava (fratura de estrutura óssea) aí era curado com melado de aroeira, fazia aqueles tirinho de taboca (colmo de bambu), pra colocar se fosse perna ou braço aí colocava o melado por cima e colocava um pano quando sarava, aquele melado soltava, quando bumbiou tá são(sã), quando ele solta da pele já tá curado, então esse que era o remédio pra quebradura por aqui.... (senhor Abel, 68 anos, Porto Estrela).*

Dentre as espécies mais utilizadas está o Jatobá, todos os interlocutores da pesquisa conhecem a planta e atribuíram algum uso, como pode ser observado nos relatos abaixo.

(...) *planta mato, eu conheço um terno dele né, jatobá por exemplo a gente usa ele pra fazer xarope pra beber por causa de tosse, usa a casca e a seiva dele também é bom pra tosse é bom até pra tuberculose fazer o uso dele certinho... (Senhor João, 89 anos, Porto Estrela).*

Da mesma forma o Sr. João reitera o potencial medicinal desta espécie;

O jatobá é bom pra fazer casa tirar viga dele pra fazer madeiramento de cima... O jatobá dá um fruto muito gostoso é saboroso, pro cê bater com leite e tomar é uma beleza é uma vitamina boa... (Senhor Abel, 68 anos, Porto Estrela).

Além do uso medicinal como pode ser observado na fala do Sr. Abel o jatobá também é incorporado na fonte de renda, com a venda de semente para confecção de artesanato local. O jatobá é uma espécie nativa do Brasil, com ampla distribuição nos biomas, é uma espécie de grande potencial econômico que fornece produtos de grande importância (Rizzini 1971), a madeira é resistente e de boa qualidade, a resina é utilizada na produção de verniz (Lisboa et al. 1991), a casca do caule, raiz e seiva são utilizadas na medicina popular no tratamento de doenças relacionadas ao sistema respiratório (Salman et al. 2008; Vicente-Thiago et al. 2019).

O jatobá tem destaque em estudos etnobotânico realizados no Brasil (Guarim Neto 1997; Albuquerque e Andrade 2002; Pasa et al. 2005; Monteles e Pinheiro 2007; Gonçalves^{e Pasa 2015}; Pasa 2011; Cunha e Bortolotto 2011; Vicente-Thiago et al. 2019), onde as populações locais fazem amplo uso da espécie. Descobertas científicas e de novos fármacos estão diretamente ligadas ao conhecimento popular (Diegues et al. 2000). Novos conhecimentos etnobotânicos *são registrados a cada novo estudo, pois revela o conhecimento, uso e peculiaridade de cada população estudada acerca do recurso vegetal.*

A espécie conhecida localmente como novateiro, (*T. americana*) obteve baixo valor de IR= 0,44, porém foi a única citada como preventiva e usada no tratamento de câncer de próstata. O novateiro possui hábito arbóreo, pertence à família Polygonaceae, é nativa do Brasil, está presente nos domínios fitogeográficos Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica (Flora do Brasil 2020, 2019). Ocorre em solos úmidos e alagáveis, matas de galeria da floresta latifoliada semidecídua. (Lorenzi 2002).

Quanto ao uso medicinal de *T. americana* enquanto os interlocutores indicaram o uso para prevenção e tratamento de câncer de próstata na literatura não foram encontrados registros para esta finalidade, ressaltando um conhecimento local sobre o uso do novateiro. Na Bolívia há relatos de uso etnomedicinal das folhas e cascas do caule para inflamação de garganta (Vargas Ramires e Quintana Peñandra, 1995) Estudos etnobotânicos realizados por Pott et al. (2004) indicaram o uso para diarreia, disenteria referindo-se a plantas úteis para sobrevivência no Pantanal. Guarim Neto et al. 2008 citaram que o novateiro é espécie importante como indicadoras de matas ciliares.

De acordo com os interlocutores todo “mato é um remédio”, porém há de se destacar que estudos farmacológicos são necessários para comprovar o real efeito fitoterápico das espécies utilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma grande diversidade de espécies de importância medicinal utilizadas pela população do estado de Mato Grosso, uma vez que o estado se caracteriza pela presença de três biomas possuindo grande biodiversidade. Por meio de pesquisa etnobotânica é possível conhecer o uso de espécies vegetais e todo conhecimento agregado, como novos registros de espécies utilizadas destacando *T. americana* citado pelos interlocutores para prevenção e tratamento de câncer de próstata, ressaltando conhecimento local sobre uso medicinal dessa espécie. O jatobá (*Hymenaea courbaril*) foi a espécie que apresentou maior diversidade de uso, é uma espécie de valor local, pois citaram elevado número de funções atribuídas a mesma.

REFERÊNCIAS

Albuquerque EM. Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde - Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado, 99p.

Albuquerque UP De Medeiros PM, De Almeida, ALS., Monteiro JM; Neto EMDFL; de Melo J G; Dos Santos, JP. 2007. Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: a quantitative approach. **Journal of ethnopharmacology**, v. 114, n. 3, p. 325-354.

Albuquerque UP, Andrade LHC. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, 16(3):273-285.

Albuquerque UP, Ramos MA, Lucena RFP, Alencar NL. 2014. Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology. In: Albuquerque UP et al. (Eds), **Methods and techniques in ethnobiology and ethnoecology**, Humana Press, New York, USA, p. 15-37.

Albuquerque UP, Lucena RFP. 2004. **Métodos e técnicas** para a coleta de dados. Pp. 37-62. In: U.P. Albuquerque, R.F.P. Lucena (orgs.). **Métodos e técnicas** na pesquisa etnobotânica. Recife, Editora Livro Rápido/NUPEEA.

Albuquerque, UP. **Introdução à etnobotânica**. Interciência, 2005.

Alho CJR. 2008. Biodiversity of the Pantanal: response to seasonal flooding regime and to environmental degradation. **Brazilian Journal of Biology**.vol. 68, no. 4, p. 957-966.

ANDRADE BS. 2017. Análise da paisagem de ambientes florestais não inundáveis no Pantanal do Abobral, Mato Grosso do Sul.

APG IV. 2016. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society** 181: 1-20

Bennett BC, Prance GT. 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic botany**, v. 54, n. 1, p. 90-102.

Bennett BC, Prance GT. 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic botany**, v. 54, n. 1, p. 90-102.

Berg HC. 1993. **Random walks in biology**. Princeton University Press.

Borges KN, Bautista H. 2018. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade de Cordoaria, litoral norte do estado da Bahia, Brasil. **PLURAIIS-Revista Multidisciplinar**, v. 1, n. 2.

Botini N, Antoniazzi CA, de Souza KA, Añez RB. 2015. Estudo etnobotânico das espécies *Bowdichia virgilioides* E *Pterodon pubescens* NA COMUNIDADE SALOBRA GRANDE MUNICÍPIO DE PORTO ESTRELA, MT. **Biodiversidade**, v. 14, n. 2, 2015.

Brasileiro BG, Pizziolo VR, Matos DS, Germano, AM, Jamal CM. 2008. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no” Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, n. 4, p. 629-636.

Camargo FF, De Souza TR, Da Costa RB. 2015. Etnoecologia e etnobotânica em ambientes de Cerrado no Estado de Mato Grosso. **Interações (Campo Grande)**, v. 15, n. 2.

Castellucci M, De Matteis R, Meisser A, Canello R, Monsurro V, Islami D, Bischof, P. 2000. Leptin modulates extracellular matrix molecules and metalloproteinases: possible implications for trophoblast invasion. **MHR: Basic science of reproductive medicine**, v. 6, n. 10, p. 951-958.

Cunha AS, Bortolotto IM. 2011. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, 25(3):685-698.

Diegues AC. 2000. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**.

Diegues AC. 2001. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/ USP.

Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 02 fev 2020.

Gewehr RB, Baêta J, Gomes E, Tavares R. 2017. Sobre as práticas tradicionais de cura: subjetividade e objetivação nas propostas terapêuticas contemporâneas. **Psicologia USP**, v. 28, n. 1, p. 33-43.

Gomes EC, Barbosa J, Vilar FC, Perez J, Vilar R. 2008. T. Plantas da caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. **Engenharia Ambiental: Pesquisa e Tecnologia**, v. 5, n. 2.

Goodman LA. 1961. Snowball sampling. **The annals of mathematical statistics**, p. 148-170.

Guarim Neto G. 1997. A importância da flora amazônica para uso medicinal. **Horticultura Brasileira**, 15:159-161.

Guarim Neto G. 2006. O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v.17.

Guarim Neto G. Guarim, VLM, Macedo M, Nascimento NP. 2008. Flora, vegetação e etnobotânica: conservação de recursos vegetais no pantanal. **Gaia Scientia**, v. 2, p. 41-46.

Guarim Neto G, Carniello MA. Etnoconhecimento e saber local: um olhar sobre populações humanas e os recursos vegetais. In: Albuquerque UP de; Alves AG. C.; Araujo TAS. (Org.). Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil. Recife: NUPEEA/UFRPE, 2007. p. 105-114.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2012. Manual técnico da vegetação brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 274p.

Lisboa PLB, Terezo EFM, Silva JCA. 1991. Madeiras amazônicas: considerações sobre exploração, extinção de espécies e conservação. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 7(2):521-542.

Lorenzi H. 2002. Árvores Brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 1ed. São Paulo: Instituto Plantarum. v. 1. 368p.

Lüdke M, André M. 1986. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.

Monteles R, Pinheiro CUB. 2007. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra** 7(2): 38-48.

Moreira RCT, Costa LCB, Costa, RCS, Rocha EA. 2002. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. *Acta Farm. Bonaerense*. v.21, n.3.

Pasa MC. 2007. **Um olhar Etnobotânico sobre as Comunidades do Bambá, Cuiabá, Mato Grosso**. 1. Ed. Cuiabá: Ed UFMT, 143p.

Pasa MC, Soares JJ, Guarim Neto G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica**, 19(2):195-207. DOI: 10.1590/S0102-33062005000200001.

Penrod J, Preston DB, Cain RE, Starks MT. 2003. A discussion of chain referral as a method of sampling hard-to-reach populations. **Journal of Transcultural nursing**, v. 14, n. 2, p. 100-107.

Pereira BE, Diegues AC. 2010. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 22.

Pinto EPP, Amorozo MC, Furlan A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica - Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, 20: 751-762.

Pott A. 2003. Diversidade de vegetação do Pantanal. In: **Sociedade Botânica do Brasil**, Desafios da Botânica no Novo Milênio: Inventário, Sistematização e Conservação da Diversidade Vegetal. 54. Congresso Nacional de Botânica. Sociedade Botânica do Brasil, p.157-159.

Pott A, Pott VJ, Sobrinho AAB. 2004. Plantas úteis à sobrevivência no Pantanal. In **Anais do IV Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio econômicos do Pantanal**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Corumbá. p.81-92.

Prance GT, Schaller GB. 1982. Preliminary study of some vegetation types of the Pantanal, Mato grosso, Brazil. **Brittonia** 34(2):228-251.

Rizzini CT, 1971. Árvores e madeiras uteis do Brasil: **Manual de dendrologia brasileira**. São Paulo Edgard Blucher.

Salman AKD, López GFZ, Bentes-Gama MM, Andrade CMS. 2008. Espécies arbóreas nativas da Amazônia Ocidental Brasileira com potencial para arborização de pastagens. Porto Velho: Embrapa Rondônia. 2008. 20 p. (Documentos, 127).

Souza VC, Flores TB, Lorenzi H. 2019. **Introdução à botânica: morfologia**. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora.

Turolla MSR, Nascimento, ES. 2006. Informações toxicológicas de alguns fitoterápicos utilizados no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 42, n. 2, p. 289-306.

Valim M, Dores CA, De Melo Bonini LM. 2016. Patrimônio cultural material e imaterial: As Rezadeiras da festa do divino em Mogi das Cruzes (SP). **Revista Trama Interdisciplinar**.

Vargas Ramirez VL, Quintana Peñandra, G, 1995. Guía Popular de Plantas utilizadas por los Mosevenes de Covendo, Santa Ana, y Muchanes. (Alto Beni, Bolivia). Fonama, La Paz, Bolivia.

Vicente Tiago P, Bandini Rossi, A. A, Moreno de Pedri, E. C, Martims Ferna, J, Vicente A, ANTUNES LJ. Levantamento etnobotânico do jatobá (*Hymenaea courbaril* L., Fabaceae) no norte do estado de Mato Grosso, Brasil. **Gaia Scientia**, v. 13, n. 1, 31 jul. 201.

Viertler RB. 2002. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**, v. 1, p. 11-29.

Vinuto J. 2014. Representações sociais sobre a família do adolescente em conflito com a lei: a lei e suas ressignificações. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, v. 22, n. 22, p. 326-336.